

# As virtudes da *elocutio* em discursos de Cortella na rede social *TikTok*

Claudiana dos Santos

Marcia Regina Curado Pereira Mariano

Neilton Falcão de Melo

*O conhecimento serve para encantar as pessoas, não para humilhá-las<sup>1</sup>.*

*Cortella*

## Considerações iniciais

A arte retórica é uma tarefa desafiadora por natureza, executá-la com maestria exige do orador bastante competência. Sua origem está atrelada ao domínio da linguagem pelo ser humano nas mais diferentes civilizações. No entanto, segundo a professora de retórica Rita Codá (2021), “a honra de criadores da arte retórica [...] deve-se aos gregos, pois nenhum outro povo na Antiguidade reconheceu que a linguagem humana é o maior e único diferencial entre o homem e os demais animais”<sup>2</sup>. Para essa autora, nenhuma civilização teve tanto apreço e consciência do poder da palavra como a grega. Esse pensamento exposto por Codá só confirma a projeção aristotélica sobre o homem como um ser político.

Constata-se, assim, que produzir grandes discursos era uma habilidade que a cultura grega considerava crucial para a totalidade do ser humano. Conforme Barthes (1975), na Grécia Antiga acreditava-se, por exemplo, que aquele que do-

---

1 Disponível em: [https://www.ebiografia.com/mario\\_serjio\\_cortella/](https://www.ebiografia.com/mario_serjio_cortella/). Acesso em: 28 jul. 2023.

2 Codá, 2021, s./n.

minasse as técnicas da retórica estaria apto para convencer qualquer pessoa sobre qualquer ponto de vista. Ainda segundo esse autor, o discurso claro e o poder de persuasão do orador eram imprescindíveis ao cidadão grego nas batalhas judiciais travadas por cidadãos que, expropriados de seus bens pela tirania, recorriam à justiça na tentativa de reavê-los.

Quanto à divulgação dessa retórica no ocidente, destacamos o papel dos sofistas. No entanto, a retórica sistematizada parte essencialmente de Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.). A retórica aristotélica assume um papel de extrema relevância desde a Grécia Antiga, pois as demais linhas delineadas a partir de então têm como base a Retórica escrita por esse filósofo. Porém, a retórica nem sempre foi ponto pacífico, além de ter passado por momentos de declínio. O pensamento aristotélico sobre retórica, mesmo após adquirir grande relevância e ser considerado a fonte primeira de estudo para os demais conceitos da disciplina, encontrou algumas contraposições que procuraram aniquilá-la por completo.

Nesse sentido, Mateus (2018) ressalta que “a partir da Idade Média, a Retórica sofre um descrédito ao qual não são alheias as condições sociais e políticas que, de um modo geral, [...] não tendiam a estimular o debate público e a livre expressão de ideias [...]”<sup>3</sup>. No século XIX, “a retórica realmente declinou, a ponto de quase desaparecer”<sup>4</sup>. Um dos motivos para esse declínio deve-se ao fato de a retórica ter sido uma contribuição inicialmente sofística, que ensinava a argumentar sobre qualquer tema, independentemente de os raciocínios serem verdadeiros ou enganosos (Mosca, 2004). Frisamos que nem todo sofista pensava da mesma forma, no entanto, no geral, eram vistos como mercadores da palavra.

Arelada à oralidade na Antiguidade, a retórica, muitas vezes, é reduzida à oratória, no entanto, tem “possíveis diferenças ou semelhanças com a retórica, que ainda persistem”<sup>5</sup> nos dias atuais. Cronologicamente, conforme Alexandre Jr. (2015), em sua introdução à *Retórica* de Aristóteles, “desde Homero a Grécia é eloquente e se preocupa com a arte do bem falar”<sup>6</sup>. Isso indica que a oratória surge antes da retórica, como uma espécie de pré-retórica. Na prática, a oratória está ligada à habilidade de “falar em público de forma clara, objetiva, estruturada e deliberada”<sup>7</sup>; já a retórica, no sentido aristotélico, diz respeito à “exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir”<sup>8</sup>, isto é, o foco é a argumentação.

Ao longo da história, se fizermos uma viagem no tempo, os registros dos historiadores mostram grandes oradores nas mais diferentes épocas. Desse modo,

---

3 Mateus, 2018, p. 74.

4 Reboul, 2004, p. 77.

5 Magalhães, 2017, p. 08.

6 Alexandre Jr., 2015, p. 10.

7 Azevedo, 2004, p. 13.

8 Meyer, 2007, p. 21.

bem antes do aprimoramento da arte oratória pelos gregos, podemos dizer que os escribas no Antigo Egito eram habilidosos oradores, pois praticavam “técnicas para encantar o público com seus discursos eloquentes e persuasivos”<sup>9</sup>. Na Grécia Antiga, entre os grandes oradores destaca-se o ateniense Demóstenes (384 a.C. - 322 a.C.), considerado o maior orador da Antiguidade. Segundo Ribeiro Jr. (2000), Demóstenes “dominava com maestria [...] todos os recursos retóricos necessários à eloquência”<sup>10</sup>, e utilizava sempre uma linguagem simples e acessível. Dessa forma, seus discursos atingiam o efeito desejado.

Os romanos também eram mestres da oratória e adotaram essa prática como uma arte indispensável em sua cultura. Entre os romanos, Cícero (107 a.C. - 43 a.C.) é considerado uma das mentes mais versáteis e um dos maiores oradores e escritores da Antiguidade. Sobre esse orador, Pereira (2023) destaca que “na Roma Antiga, a oratória era considerada uma arte e Cícero detinha-a”<sup>11</sup>. Seus ensinamentos marcaram Roma em diversas áreas e servem como base para a sociedade atual, a exemplo dos questionamentos sobre lei e direito.

Na Idade Média, a retórica foi crucial para a Igreja Católica, tanto em pregações como nos sermões. Mas a relação entre retórica e cristianismo não aconteceu de forma tão pacífica (Reboul, 2004). Por outro lado, apesar das críticas, a Igreja não podia prescindir da retórica. Nessa perspectiva, Mishi (2023) pontua que padres e monges exercitavam técnicas para conquistar e convencer o público. Ainda conforme esse autor, no Renascimento, a oratória começou a ser ensinada nas universidades e se expandiu para além dos assuntos políticos e religiosos. Passou, assim, a ser vista como uma habilidade indispensável para a vida social e profissional.

A partir da modernidade, embora ainda com altos e baixos e nem sempre de forma pacífica, a arte retórica se adaptou às diversas sociedades e contextos e continuou a evoluir como instrumento de comunicação entre os interlocutores. Logo, vários oradores ganharam destaque. De acordo com Lucena (2021), nessa época, destacam-se nomes como Adolf Hitler – que conseguiu o apoio das massas alemãs, intelectuais, cientistas e médicos em favor da causa arianista; Fidel Castro – que tinha como tônica uma crítica ao imperialismo norte-americano, com uma capacidade de manter multidões em silêncio para ouvi-lo por longo tempo; Martin Luther King – com seu ideal em defesa da paz, conseguiu apoio de toda a sociedade americana na luta pela conquista dos direitos civis da população negra dos EUA; Mahatma Gandhi – dono de um discurso pacifista, defendia a resistência pacífica e a tolerância religiosa; e Winston Churchill – um dos maiores estadistas e oradores de todos os tempos, conseguiu mobilizar a população inglesa em relação à necessidade de enfrentar o avanço alemão durante a Segunda Guerra Mundial.

---

9 Mishi, 2023, s./n.

10 Ribeiro Jr., 2000, s./n.

11 Pereira, 2023, s./n.

A esse seletivo grupo, acrescentamos o brasileiro Rui Barbosa, considerado um dos mais brilhantes oradores da história do país, que impressionou o mundo com seu discurso ao se apresentar em Haia em 1907.

Entre os oradores da atualidade, conforme Leitão (2022), Mario Sergio Cortella “é considerado o filósofo mais pop do Brasil”. Para esse autor, as palavras de Cortella “saem da boca de forma cadenciada como se fossem canção entoada”. Diz ainda: “Cortella conquistou não só o universo do showbiz, como também o mundo corporativo, que sempre o convida para proferir palestras sobre temas como liderança, gestão e resiliência”<sup>12</sup>. Em outros termos, a opinião midiática considera que há algumas décadas Cortella populariza questões de seus estudos por meio do rádio, da TV, dos livros e das redes sociais como o *YouTube*. É sobre o discurso desse orador que esta pesquisa se propõe a fazer análise.

A partir dessas explicações, este capítulo tem como objetivo verificar se Cortella aplica as virtudes da *elocutio* nos vídeos que posta na rede social *TikTok* – uma plataforma de entretenimento. Essas virtudes são: a adequação, a correção, a clareza e a ornamentação – elegância. Optamos pela análise retórica de discursos dessa plataforma por ter um índice de engajamento muito grande, em média, um bilhão de usuários ativos por mês ao redor do mundo<sup>13</sup>. Diante disso, buscamos responder aos seguintes questionamentos: A *elocutio* empregada nos discursos nessa plataforma é diferente de outros espaços virtuais ou físicos? A correção e a elegância exigidas numa rede social de textos orais como o *TikTok* são diferentes das exigidas em outros contextos? A popularização de Cortella pode ter alguma relação com seu trabalho na *elocutio*? As análises trazem possíveis respostas a essas problematizações.

Destacamos que a virtude da **correção** está ligada à competência gramatical do orador, bem como à utilização de ideias e vocábulos precisos e adequados; já a virtude da **elegância**, que também envolve a correção linguística, na retórica, diz respeito à beleza funcional da linguagem e visa reforçar a argumentação. Frisamos também que a *elocutio* – elocução – não deve ser confundida com a *actio* – ação.

A *elocutio* explora o valor persuasivo da linguagem e está associada ao dizer e ao modo de dizer, a *actio* relaciona-se à pronúncia e à gesticulação (Tringali, 2014). Por esse prisma, “a elocução é a arte de redigir o material encontrado e organizado”, que visa torná-lo “claro, correto, elegante e, sobretudo, adequado à finalidade do discurso que consiste em persuadir”<sup>14</sup>. Por isso, entendemos que a oratória ou a eloquência está, na maioria das vezes, associada à ação.

---

12 Leitão, 2022, s./n.

13 Fonte: <https://tmjuntos.com.br/tecnologia/o-tiktok-e-uma-plataforma-de-entretenimento-nao-uma-rede-social>. Acesso em: 24 ago. 2023.

14 Tringali, 2014, p. 170.

## Sistema retórico: *elocutio*

Conforme a retórica aristotélica, para que se obtenha êxito na tarefa persuasiva, pelo menos três aspectos relativos ao discurso precisam ser tratados com bastante habilidade pelos oradores: a *inventio* a *dispositio* e a *elocutio*, respectivamente, *heúresis*, *táxis* e *léxis*, em grego. Nesse ponto, Corbett e Connors (2022) chamam a atenção: “uma vez descobertos, selecionados e organizados os argumentos, eles [precisam] ser expressos em palavras”<sup>15</sup>. Essas etapas, de uma forma ou de outra, estão relacionadas ao orador

Segundo Barthes (1975), são essas etapas que alimentam a Retórica desde o período anterior à Antiguidade, principalmente a *elocutio*, que é vista como a etapa que possibilita maior proximidade do orador com o auditório. Corbett e Connors (2022), ao discorrerem sobre a etimologia do vocábulo *elocutio*, afirmam que em latim essa palavra corresponde ao que denominamos de estilo, com o sentido de “falar abertamente”. Esses autores pontuam que o vocábulo grego para estilo é *lexis*, e que contém três sentidos: “pensamento”, “palavra” e “fala”<sup>16</sup>. As duas primeiras com sentidos contidos na palavra grega *logos* e a terceira na palavra *legein*. Corbett e Connors (2022) alegam que “os retóricos gregos concebiam o estilo como a parte da retórica em que pegamos os *pensamentos* produzidos [capturados] pela invenção e os colocamos em *palavras*, que serão *declamadas*”<sup>17</sup>. Por esse viés, o estilo deve ser entendido como a indumentária que “veste o pensamento”.

Com efeito, a elocução não é apenas estilo. Nesse sentido, Mosca (2004) assevera que além de estilo, a *elocutio* também diz respeito às “escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/conteúdo”<sup>18</sup>. Assim, na *elocutio*, imprime-se um jeito de ser que vai muito além do estilo e da forma, pois aciona a memória e faz com que o orador inicie o discurso a partir de elementos armazenados nos seus arquivos de categorização, não de estilos, mas de *elocutio* dos diversos autores. Desse modo, a etapa da elocução não acontece de forma estanque, visto que o discurso não é criado do nada, é montado e planejado na *inventio* e na *dispositio*. Sobre esse ponto, Tringali (2014) corrobora ao dizer que a elocução é responsável por salvar a invenção e a disposição, assim, “deve-se dizer da melhor forma possível o que se tem a dizer”<sup>19</sup>. Nessa direção, pode-se afirmar que a *elocutio* é uma virtude determinante no plano discursivo do orador.

---

15 Corbett e Connors, 2022, p. 463.

16 Corbett e Connors, 2022, p. 463.

17 Corbett e Connors, 2022, p. 463.

18 Mosca, 2004, p. 28-29.

19 Tringali, 2014, p. 169-170.

## As virtudes da *elocutio*

Ao comentar sobre as virtudes da *elocutio*, Tringali (2014) diz que tradicionalmente há uma forte tendência na Retórica de se reduzir em quatro as principais qualidades gerais da elocução: **adequação, correção, clareza e ornamentação – elegância**. Tringali (2014) acrescenta que, com menor centralidade, aparece como virtude do orador durante a elocução o valor da brevidade ou da abundância do discurso. O autor cita também os três estilos oratórios que funcionam como grau de sofisticação para a elocução do discurso, que são: simples, médio e sublime. Neste capítulo, denominamos estes três estilos de “tricotomia estilística”.

A virtude da **adequação** se aplica a todas as etapas da Retórica, especialmente à elocução. Para Tringali (2014), é essa virtude que determina a elocução e dá provimento às demais qualidades. Assim, as demais qualidades da *elocutio* gravitam em torno de uma qualidade motriz chamada adequação. Por esse ângulo, vê-se que a linguagem do discurso deve se harmonizar com os valores inerentes ao discurso, tantos os internos quanto os externos, pois consistem em dizer algo de modo apropriado com o objetivo de persuadir.

A virtude da **correção** está relacionada à competência linguística, uma vez que a *elocutio* é instigada pela ideia de “vernaculidade”. Segundo Tringali (2004), a correção é uma virtude imprescindível, pois a linguagem do orador é sempre observada com muito rigor. Corbett e Connors (2022) chamam atenção para o fato de que “‘boa gramática’ nem sempre produz ‘boa retórica’, nem uma ‘gramática ruim’ invariavelmente produz ‘retórica ruim’”<sup>20</sup>. No entanto, esses autores entendem que o desconhecimento das normas da Gramática Normativa geralmente dificulta uma discussão inteligente e eficaz, o que pode comprometer o resultado da empreitada discursiva.

A virtude da **clareza** está relacionada ao se fazer entender. Segundo Corbett e Connors (2022), essa virtude tem como lastro a seleção e organização cuidadosa das palavras. Os autores comentam que para selecionar as palavras adequadas é preciso levar em consideração a pureza, a adequação e a precisão. A pureza engloba palavras cujo uso deve ser *confiável, nacional e atual*. O *confiável* diz respeito à reputação das fontes utilizadas no discurso pelo orador. Corbett e Connors (2022) entendem que a comunicação com a utilização de palavras *nacionais e atuais* parece ser mais fácil de selecionar e organizar, entretanto, no uso do *confiável* pode não haver consenso em muitos casos, já que vivemos em uma sociedade pluralista. Para os autores, a adequação no tocante à clareza acontece quando há uma harmonização que compreende o assunto, o propósito, a ocasião e o público envolvido. Já a precisão, dá-se quando as palavras utilizadas significam exatamente o que se pretende dizer.

---

20 Corbett e Connors, 2022, p. 466.

A virtude da **ornamentação** diz respeito às qualidades estéticas e visa reforçar a argumentação, ou seja, está relacionada à beleza funcional da linguagem, mas tem um fim persuasivo. Nesse sentido, Tringali (2014) alerta: “não basta que a linguagem do discurso seja correta, clara, adequada, deve encantar pelo refinamento”<sup>21</sup>, mas não pode ter um fim em si mesma. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) corroboram esse pensamento quando afirmam que as figuras de argumentação e retórica estão presentes na *elocutio*, mas têm uma finalidade persuasiva, visto que são utilizadas para atingir determinados efeitos de sentido. Portanto, “a figura só é de retórica quando desempenha um papel persuasivo”<sup>22</sup> (Reboul, 2004). Assim, o discurso precisa tirar proveito das figuras de linguagem.

Além dessas quatro virtudes consideradas como as mais importantes na *elocutio*, a **brevidade** e a **abundância** também são recursos utilizados pelos oradores. Segundo Tringali (2014), “a abundância exerce certa fascinação no orador popular”<sup>23</sup>. No entanto, concorda que um ou outro podem ser um vício ou uma virtude, pois tudo passa por uma questão de adequação. Oradores como Cícero (106 a.C. - 43 a.C.) e Quintiliano (35 d.C. - 95 d.C.) se destacaram pela abundância.

Outro ponto que deve fazer parte da elocução do orador é o seu estilo oratório, cuja classificação começa na Retórica: simples, médio e sublime. Conforme Tringali (2014), o estilo **simples** deve ser utilizado quando a intenção é informar e explicar – *docere* –, o estilo **médio** quando a pretensão é agradar – *delectare* – e o estilo **sublime** quando a proposta é comover – *movere* – o auditório. Nas palavras desse autor, o *estilo simples* é o que mais se aproxima do linguajar do cotidiano, mas sem deixar de ser correto; o *estilo médio* não é tão transparente como o estilo simples, objetiva manter a atenção e proporcionar a sensação de prazer do público durante a exposição do orador e o *estilo sublime* visa inflamar as paixões do auditório. O orador que se notabiliza em apenas um estilo pode não alcançar a verdadeira grandeza retórica. Quanto a esse ponto, Reboul (2004) acentua que o estilo mais eficaz é aquele que se adapta ao assunto.

Em suma, as virtudes que fazem parte da *elocutio*, nesta pesquisa, são elementos que são explorados nas análises, como veremos adiante.

## **Análise do corpus**

Com foco na *elocutio*, analisamos, neste capítulo, três vídeos (um do final do ano de 2022 e dois de 2023) com discursos do filósofo brasileiro contemporâneo Mario Sergio Cortella, selecionados em sua conta oficial, na rede social *TikTok*. Conforme já antecipamos, tem-se como objetivo verificar se o orador Mario Ser-

---

21 Tringali, 2014, p. 175.

22 Reboul, 2004, p. 113.

23 Tringali, 2014, p. 176.



gio Cortella aplica as virtudes da *elocutio* nos discursos dos vídeos na rede social *TikTok*. A escolha dos vídeos, nesse contexto dos tecnodiscursos, obedeceu aos critérios de dimensão e das temáticas. O recorte metodológico considerou que nessa plataforma existe uma ascensão de vídeos curtos, com fácil repercussão entre as diferentes camadas sociais, por isso, ao se pensar nas interdiscursividades constitutivas das enunciações, em especial, a de Cortella, entendemos que existem propagações nas formações sociais e críticas dos seguidores.

Cada vídeo tem aproximadamente um minuto. Foram selecionados por terem bastante visualizações e comentários. O primeiro é datado de maio de 2023; o segundo, de fevereiro de 2023; e o terceiro, de dezembro de 2022. Os vídeos foram transcritos a seguir:



### **Vídeo 01: A escola e o ócio**

*Skholè no grego antigo significa ócio. Ócio não é vagabundagem; ócio é não ter obrigação para sobreviver. Numa sociedade clássica grega, há 2500 anos, onde nasce a filosofia ocidental, boa parte daqueles que são chamados de filósofos, eles tinham ócio, isto é, quem é que é que trabalhava pra trazer comida, pão, proteção, água? Os escravizados. Uma sociedade que tem muito ócio, por parte de alguns, eleva a sua condição, né, de produzir o que nós chamamos de “cultura letrada”. Eu trago isso à tona porque skholè, no grego antigo, é exatamente o não ter obrigação do sustento material, porque alguém tá te provendo. A palavra escola tem exatamente essa percepção, isto é, quem não tem de estar ali, no labor cotidiano, pra poder tirar o pão com o suor do rosto, pode se dedicar, por exemplo, a pensar, a refletir, às artes<sup>24</sup>.*



### **Vídeo 2: Você e eu somos livres?**

*Qual é a primeira palavra que um ser humano aprende a entender e dizer? Né “mamãe”? “Mamãe” é a segunda, porque a mãe treina a criança. “Papai” é a terceira, porque ela fica com dor na consciência e treina, também. Mas a primeira palavra que uma criança aprende a entender e dizer... é “não”. “Não!” Você vai com a mamadeira, “não!” Você põe na boca, ele cospe. Você quer levar, ele solta o corpo. Você quer pegar, ele sai correndo. Nessa hora, evidente, quando eu digo que a primeira palavra que você aprende a dizer é “não” é porque só quem pode dizer*

24 Fonte: <https://www.tiktok.com/@cortellaoficial/video/7233877151798316293?lang=pt-BR>. Acesso em: 30 jul. 2023.



“não”, pode dizer “sim”. E, nesse ponto, a liberdade, ela penetra com uma grande questão: você e eu somos livres? Faça por merecer<sup>25</sup>!



### Vídeo 3: Três caminhos para o fracasso

*Eu faço isso há 30 anos. Cuidado! Não é porque você faz uma coisa há 30 anos que você continua apto a fazer. Hoje de manhã, uma senhora deu sinal prum táxi, o táxi parou, ela entrou no banco de trás, falou: – por favor, o senhor me leva ao aeroporto de Congonhas. O taxista disse: – pois não. E foi. Ela falou: – engraçado, o taxista em São Paulo fala tanto, está tão quieto, eu acho que eu não fui simpática com ele. Como ela tava no banco de trás, ela não teve dúvida, foi e bateu nas costas dele. Quando ela bateu, ele meteu o pé no freio, jogou o carro em cima da calçada, ficou pálido, começou a suar. Ela falou: – o senhor desculpa, eu não queria assustar o senhor. Ele falou: – não, dona, a senhora me desculpe. Sabe o que que é, hoje é o meu primeiro dia como taxista e a senhora é minha primeira passageira. Ela falou: – ah, é? – E o que que o senhor fazia antes? Ele falou: – eu fui por 20 anos motorista do serviço funerário. Não é porque você faz uma coisa há 20 anos, 30, que você tá preparado pra fazer. Há três caminhos. Primeiro: não ensinar o que se sabe; segundo: não praticar o que se ensina; terceiro: não perguntar o que se ignora. Preste atenção. A humildade intelectual nos coloca à necessidade, inclusive, de prestar atenção em quem não concorda com a gente; um adversário fraco te enfraquece, um concorrente burro te emburrece, uma oposição frágil fragiliza um governo. Porque quando você presta atenção em algo que impede que você se acomode, muda o patamar<sup>26</sup>.*

Observa-se que os discursos dos vídeos abordam três temáticas diferentes: escola e ócio; liberdade; e fracasso. Frisamos que não adentraremos nas características que remetem à *actio*, isto é, a proferição efetiva do discurso. No entanto, embora o foco esteja na *elocutio*, ela não está desconectada da *actio*, e não dá para falar dessa virtude sem falar da *inventio* – descoberta e seleção dos argumentos – e da *dispositio* – disposição dos argumentos. Especificamente sobre a *elocutio*, as qualidades dessa virtude efetivamente não aparecem de forma isolada, há um entrelaçamento entre elas.

No vídeo 01, particularmente, encontramos logo na introdução o argumento da definição, o que já denota um arranjo perspicaz do exórdio – introdução. Esse arranjo está diretamente associado à *dispositio*, mas também indica uma habilidade

25 Fonte: <https://www.tiktok.com/@cortellaoficial/video/7202318113801620741?lang=pt-BR&q=Voc%C3%AA%20eu%20somos%20livres&t=1690687196928>. Acesso em: 30 jul. 2023.

26 Fonte: [https://www.tiktok.com/@mentes\\_geniais/video/7179694535398706437](https://www.tiktok.com/@mentes_geniais/video/7179694535398706437). Acesso em: 30 jul. 2023.

do orador para “obter a benevolência, [...] a atenção e tornar dócil o auditório”<sup>27</sup>, como atesta Ferreira (2017). Essa organização é efetivada na *elocutio* e na *actio* por meio da verbalização das palavras que são revestidas de uma intencionalidade. É o contato inicial entre orador e auditório. Em seguida, o orador faz uso do argumento de comparação para explicar o conceito de ócio na sociedade grega e na atualidade. O orador reelabora o conceito de ócio, a fim de convencer o auditório sobre as boas práticas dentro de uma “cultura letrada”. O estilo empregado por ele remete a uma tricotomia estilística – simples, médio e sublime –, que se alterna conforme o propósito em determinado momento. Na prática, o orador faz uso de uma oratória cuja finalidade é destacar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação.

No vídeo 02, por sua vez, o orador novamente faz uma apropriação da tricotomia estilística a fim de elucidar a relação do ser humano com o conceito de liberdade. Percebe-se que existe um apelo ao risível. Nessa conjuntura, o fazer persuasivo do orador sustenta-se por meio de uma *doxa* – opinião – acerca da evolução da linguagem nos bebês. Ele encanta, sorri, agrada – *delectare*. Na sequência, o orador faz um questionamento sobre o valor da liberdade. Apresenta, assim, a sua tese por meio de uma *doxa* global referente aos processos de escolhas humanas desde a infância. Observa-se que a disposição das informações, assim como no vídeo 01, possibilita uma melhor operacionalização da *elocutio*, uma forma de aproximar-se do auditório. Vale frisar que a persuasão já começa na *inventio*, passa pela *dispositio* e efetiva-se com a *elocutio*, por isso é um sistema.

Na mesma linha propositiva, no vídeo 03, o orador também se apropria da tricotomia estilística. Inicialmente, constrói uma introdução narrativa para tratar da confiabilidade humana. Outra estratégia argumentativa consiste no apelo ao riso que, conforme Carmelino (2014), é um forte componente argumentativo e persuasivo. O orador consegue captar risos por intermédio de um discurso, que também é atravessado por uma lógica do aconselhamento, e mantém a comunhão com o auditório pela demonstração de uma sabedoria prática. Assim, o orador aciona o *docere* e o *movere* – estilos que visam, respectivamente, a agradar e comover o auditório – de forma a construir uma verdade implacável com base no que transmite. Identificamos as respostas criadas como aquelas que Meyer (1993) chamou de apocríticas, respostas que não deixam margens para o questionamento do que é apresentado ao auditório.

De modo geral, depreende-se na materialidade dos vídeos que o exercício da virtude da **adequação** foi o primeiro passo do orador, que atua em conjunto com a **correção**, a **clareza** e a **ornamentação** com fins persuasivos. Nesse sentido, os argumentos aquilatados durante a *inventio* visam a persuadir o auditório e funcionam como pontes para aproximar o orador do auditório, como entende Meyer (2007). Por certo, tudo isso passa pelo modo como o orador emprega as

---

27 Ferreira, 2017, p. 113.

palavras no discurso, uma atuação da *elocutio* sobre o material da *dispositio*, como descrito por Ferreira (2017).

No tocante especificamente à virtude da **adequação**, entre outros pontos que poderiam ser destacados, observa-se nos três vídeos que o estilo empregado pelo orador remete a uma tricotomia estilística. Utiliza-se o *estilo simples*, por exemplo, para discorrer sobre “ócio” e sobre a palavra “escola” (vídeo 01): *ócio é não ter obrigação para sobreviver, A palavra escola tem exatamente essa percepção, isto é, [...] pode se dedicar, por exemplo, a pensar, a refletir, às artes*; para explicar sobre a primeira palavra que um ser humano aprende a entender e dizer (vídeo 02): *a primeira palavra que uma criança aprende a entender e dizer... é “não”*; para alertar às pessoas que consideram que por fazerem algo há muito tempo acreditam que podem fazer por toda a vida (vídeo 03): *Não é porque você faz uma coisa há 30 anos que você continua apto a fazer*. Nota-se que essas explicações se assentam no *logos*, na narração, um recurso que segue o rigor prescrito nas virtudes da *elocutio*.

Já o *estilo médio*, embora não seja tão perceptível, a forma inteligível e divertida utilizada pelo orador nos três vídeos, indica que esse recurso visa a prender a atenção do auditório. No vídeo 01, esse estilo pode ser percebido quando o orador apresenta o sentido do termo “ócio” associado a uma conotação positiva, como um momento de criação e reflexão, distinto do sentido vulgar utilizado corriqueiramente, que remete à noção de falta de compromissos, preguiça ou “não fazer nada”; no vídeo 02, há o apelo ao risível, por exemplo, quando o orador diz: *Papai é a terceira [palavra a ser aprendida pela criança] porque ela [a mãe] fica com dor na consciência e treina, também*; de modo semelhante, no vídeo 03, há apelo ao risível no seguinte excerto: *Ela falou: ah, é? E o que que o senhor fazia antes? Ele falou: eu fui por 20 anos motorista do serviço funerário. Não é porque você faz uma coisa há 20 anos, 30, que você tá preparado pra fazer*. Observa-se que esses excertos levam ao riso, visam agradar – *delectare* –, mas não são tão transparentes como os que são apresentados no *estilo simples*; exigem, assim, uma certa interpretação do auditório. No entanto, o orador não desassocia das virtudes da **correção**, da **clareza** e da **elegância**. Diferentemente dos excertos que se fundam no *estilo simples*, os que se inserem no *estilo médio* assentam-se mais no orador, e centram-se na parte do exórdio.

Quanto ao *estilo sublime*, ocorre na etapa da peroração, conclusão do discurso. É um momento retórico marcado pelas frases bem elaboradas e pelo uso de figuras de linguagem. No vídeo 01, observa-se esse estilo quando o orador apresenta uma expressão metafórica com o objetivo de atingir o *pathos*: *quem não tem de estar ali, no labor cotidiano, pra poder tirar o pão com o suor do rosto, pode se dedicar, por exemplo, a pensar, a refletir, às artes*; no vídeo 02, o orador conclui o seu discurso com uma pergunta retórica seguida de uma expressão bastante reflexiva: *a liberdade, ela penetra com uma grande questão: você e eu somos livres? Faça por merecer!*; no vídeo 03, o orador finaliza o seu discurso com uma frase de efeito e que leva o auditório a refletir sobre suas ações: *quando você presta atenção*

em algo que impede que você se acomode, muda o patamar. Essas construções são, portanto, frases com um grau de magnificência da linguagem. Frisamos que, assim como esses excertos destacados, há várias outras construções retóricas que fazem parte de um estilo que foca na elevação de ideias e das paixões. Essas expressões são exemplos claros de qualidade estética, porém, nota-se que têm uma funcionalidade persuasiva. Em outros termos, essas expressões reforçam o exposto e, conseqüentemente, o orador adquire a adesão do auditório. Esse recurso pode ser descrito na *elocutio* como virtude da **ornamentação**.

É notório nos três discursos que o orador utiliza um linguajar corrente. Sabemos que se trata de discurso veiculado em uma rede social na qual o grande público é, sobretudo, adolescente. O *TikTok* é uma rede social repleta de público jovem, que geralmente não costuma ler textos grandes, um público que utiliza frases curtas e abrevia palavras. Esse linguajar utilizado pelo orador indica uma adequação do discurso ao auditório e à sua situação de produção, no entanto, não deixa de atender às virtudes da **correção**, que está ligada à parte linguística – ausência de erros ortográficos e de concordância, frases sintaticamente bem construídas – e ao uso de vocábulos mais precisos e adequados. É evidente que, quando existe adequação ao contexto, a variante coloquial deve fazer-se necessária em alguns momentos, desde que não haja exagero e nem discordâncias abruptas.

Especificamente sobre a virtude da **correção**, percebe-se, nesse quesito, que embora o orador utilize expressões da variante coloquial em raros momentos (“*pra*”, “*né*”, “*tá*”, “*prum*”, “*tava*”), os termos utilizados por ele funcionam como um recurso persuasivo, uma forma de aproximação com o linguajar utilizado corriqueiramente pelo auditório. Em geral, nota-se que a vernaculidade é marca registrada no discurso do orador e é percebida, por exemplo, no vocabulário empregado – *no labor cotidiano* –, na concordância gramatical – *boa parte daqueles que são chamados de filósofos* –, na pontuação – *Cuidado!* –, nas construções sintáticas – *... pode se dedicar, por exemplo, a pensar, a refletir, às artes* e no conhecimento demonstrado nas explicações – *Ócio não é vagabundagem; ócio é não ter obrigação para sobreviver*.

Tudo isso se alia à virtude da **clareza**, que é indispensável na comunicação entre orador e auditório. Quanto a essa virtude, concordamos com Reboul (2004) quando enfatiza: “ser claro é pôr-se ao alcance de seu auditório concreto”<sup>28</sup>, pois o que é claro para um público pode não ser para outro. Nos excertos analisados, o orador faz-se entender ao utilizar palavras conhecidas, atuais, de fácil entendimento, sem margens para duplos sentidos ou ambigüidades. Nesse prisma, também faz uso da *inventio*, por exemplo, ao apresentar a palavra *skholè*, um vocábulo oriundo da sociedade clássica grega, há 2500 anos. É uma linguagem que contempla um auditório universal, como descrito por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Diante disso, o orador adquire a credibilidade junto ao auditório.

---

28 Reboul, 2004, p. 63.

Mesmo quando se expressa de forma metafórica, o orador é claro, não causa embaraços para o auditório compreender a mensagem verbalizada – *tirar o pão com o suor do rosto*. Essa virtude, segundo Aristóteles (2015), se não estiver presente, não cumprirá a função do discurso. Ademais, a popularização de Cortella, a sua imagem construída como filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário, sem dúvida cria uma confiança junto ao auditório. Desse modo, a confiança é mantida pela elocução do seu discurso.

## Considerações finais

A análise desta pesquisa procurou verificar se Cortella aplica as virtudes da *elocutio* em seus discursos, em três vídeos postados na plataforma *TikTok*. Observou-se que o filósofo Cortella adota com muito zelo os ensinamentos de Aristóteles na *Retórica*, quando pondera a respeito da beleza do estilo, que passa pela escolha das fórmulas mais adequadas para expor aquilo que se pretende dizer, para tornar manifesto o seu objeto. Diante dessa propositura, o orador vale-se o tempo todo da virtude da clareza para cumprir a sua empreitada persuasiva. Nessa linha dos ensinamentos aristotélicos, vê-se que o orador não utiliza discursos rasteiros e nem elevados demais. Seu vocabulário transita por uma tricotomia estilística que atende a momentos específicos nas etapas dos seus discursos. No exórdio, o orador aciona o *docere* e o *delectare*, respectivamente, com informações e explicações que situam o auditório em relação ao tema abordado e expressões que provocam o riso; na etapa da peroração, aciona o *movere*, vale-se, assim, de frases de efeito, reflexivas e bem elaboradas.

Efetivamente, o orador utiliza-se do estilo simples, com um linguajar mais cotidiano, mas sem deixar de ser belo, atrativo e sem fugir da correção linguística; utiliza-se do estilo médio para atrair o auditório e prender a atenção, sobretudo com o risível; e do estilo sublime, que também encanta, para atingir o *pathos*, ou seja, paixões e emoções passíveis de serem despertadas no outro em razão do discurso proferido. Vê-se, então, que esses estilos variados em cada discurso desempenham um papel importante no sucesso persuasivo do orador.

Conclui-se, portanto, que o orador Mario Sergio Cortella, nos discursos analisados, recorre às virtudes da *elocutio* apresentadas neste capítulo, com fins persuasivos. Logo, percebe-se que todas as construções empreendidas nos três vídeos são permeadas pelas virtudes da adequação. Nesse ponto, podemos dizer que pelo fato de o orador ser filósofo e professor renomado, poderia fazer uso de um discurso mais formal, no entanto, utiliza uma linguagem mais informal para seguir determinadas expectativas que são específicas do ambiente da plataforma *TikTok*. Não se trata de privilegiar uma linguagem coloquial, nem de uma maneira muito culta, por conta da própria formação acadêmica do orador, pois geraria estranhamento para o público adolescente.

Desse modo, o que esse orador diz e o modo como ele diz não se distancia da forma como os discursos são manifestados em outros espaços virtuais e físicos, apesar de ter determinadas características que são peculiares do *TikTok*, como, por exemplo, o fato de que vídeos devem ser curtos. Em outros termos, a *elocutio* empregada nos discursos, nessa plataforma, não é diferente de outros espaços. Por esse prisma, a popularização de Cortella não tem relação direta com seu trabalho na *elocutio*. Por esse raciocínio, entendemos que a popularização de Cortella é resultado de sua retórica e elocução.

Quanto à correção linguística empregada pelo orador, podemos afirmar que não há um rigor formal, como se observa nos livros didáticos, por exemplo. Já a elegância, se compararmos com o conteúdo do livro didático, vê-se que, diferentemente, o orador procura ornamentar o discurso com frases de efeito, metáforas e informações que chamam a atenção, com o intuito de conseguir a adesão do público. Dessa forma, podemos afirmar que a correção linguística e a elegância exigidas numa rede social de textos orais como o *TikTok* são diferentes das exigidas em outros contextos.

Com efeito, ao tratar de discursos que visam a persuadir e convencer, o orador Cortella utiliza com bastante eficácia as virtudes da *elocutio* para afirmar, explicar e prender a atenção do auditório, ao mesmo tempo em que o influencia.

## Referências

ALEXANDRE JR., Manuel. Prefácio e Introdução à Retórica. In: ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas por Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015 [384 a.C. - 322 a.C.], p. 7-52. [Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 1]

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas por Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015 [384 a.C. - 322 a.C.]. [Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 1]

AZEVEDO, Irland Pereira de. Retórica e oratória. **Portal IDEA**, 2004. Disponível em: <https://portalideia.com.br/cursos/bsico-em-oratria-para-sermes--a-arte-da-pregao-apostila03.pdf>. Acesso em: 05 set. 2023.

BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In: COHEN, J. et al. **Pesquisas de Retórica**. Tradução por Leda P. M. Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-221.

CARMELINO, Ana Cristina. (Auto) depreciação: um artifício retórico na construção do discurso humorístico. In: MAGALHÃES, Ana Lúcia; FERREIRA, Luiz Antonio (Org.). **A retórica do risível**. São Paulo: Cristal Editores, 2014. p. 53-84.

CODÁ, Rita. As origens da arte de bem-falar. **Ateliê de Humanidades**, 2021. Disponível em: <https://ateliedehumanidades.com/2021/06/03/pontos-de-leitura-as-origens-da-arte-de-bem-falar/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CORBETT, Edward P. J.; CONNORS, Robert J. **Retórica clássica para o estudante moderno**. Tradução por Bruno Alexander. Campinas, SP: Kirion, 2022. Título original: *Classical Rhetoric for the Modern Student*, 4ª ed., 1999.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. 1. ed. 1. reimpressão, São Paulo: Contexto, 2017.



- LEITÃO, Matheus. “Não coloque lixo na urna” – entrevista com Mario Sergio Cortella, **Veja**, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/nao-coloque-lixo-na-urna-entrevista-com-mario-sergio-cortella>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- LUCENA, Sérgio. 5 grandes oradores da história. **Polis Consultoria**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TvJ3bWfEjI>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- MAGALHÃES, Ana Lúcia. Oratória grega e romana: algumas considerações. *In*: Luiz Antonio Ferreira (Org.). **Artimanhas do dizer**: retórica, oratória e eloquência [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher, 2017. p. 7-24.
- MATEUS, Samuel. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã, Portugal: Editora LabCom. IFP, 2018.
- MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução por Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.
- MEYER, Michel. **Questões de retórica**: linguagem, razão e sedução. Tradução por António Hall. Lisboa: Edições 70, 1993. [p. 81-104; p. 135-154].
- MISHI, João. Onde Surgiu a Oratória: Conheça a História dessa Arte da Comunicação. **Awari**, jun. 2023. Disponível em: <https://awari.com.br/onde-surgiu-a-oratoria-conheca-a-historia-dessa-arte-da-comunicacao/>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos. *In*: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.
- PEREIRA, Ana Carolina. A filosofia de Cícero e a sua importância para a construção da sociedade ocidental. **Blog da Editora da Unicamp**, fev. 2023. Disponível em: <https://blogeditoradaunicamp.com/2023/02/09/a-filosofia-de-cicero-e-a-sua-importancia-para-a-construcao-da-sociedade-ocidental/>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação**. Tradução por Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica**. Tradução por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1925].
- RIBEIRO JR., Wilson A. Demóstenes. **Portal Graecia Antiqua**, São Carlos, 2000. Disponível em: [greciantiga.org/arquivo.asp?num=0360](http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0360). Acesso em: 24 jul. 2023.
- TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e as outras retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa Editora, 2014.



